

# SUGALIDAL

## A Empresa Líder no sector da indústria do tomate

Entrevista ao Dr. João Ortigão Costa  
Administrador da Sugalidal  
Conduzida pelo Eng.º Manuel Soares  
Presidente (cessante) da APH



**APH – Num país, em que estávamos habituados a que as empresas agro-industriais portuguesas fossem sistematicamente compradas por grupos estrangeiros, assistimos com surpresa em 2007 à situação inversa, isto é à compra da IDAL da multinacional Heinz pela portue-síssima SUGAL, fundada há mais de 50 anos pelo seu pai, o Dr. Luís Ortigão Costa. Qual foi a estratégia e os grandes objectivos que estiveram por detrás desta ousada aquisição?**

Sugalidal – A aquisição da Idal e fusão das duas empresas resultou de uma parceria com o Sr. Eng. Pedro Sousa

Macedo, e numa conjugação de estratégias de especialização, dimensão e internacionalização.

**APH – A indústria do tomate foi a pioneira da agro-indústria portuguesa, e teve sempre um peso enorme nas nossas exportações, chegando a ultrapassar o Vinho do Porto. Como é que a SUGAL evoluiu e se fortaleceu, permanecendo sempre nas mesmas mãos, ao ponto de se abalancar neste projecto, depois de tantos anos em que o sector enfrentou graves crises, que levaram ao desaparecimento de várias empresas?**

Sugalidal – A Sugal apostou no longo

prazo, na especialização e qualidade, investiu na modernidade, tendo criado a dimensão e o reconhecimento dos mercados que a posicionaram em condições atractivas para a aquisição da Idal.

**APH – Ao comprar a IDAL, a SUGAL passou a liderar a produção nacional de concentrado de tomate. Qual a quota que a nova empresa hoje detém no mercado nacional e a sua dimensão a nível europeu?**

Sugalidal – A sugalidal transforma cerca de 40% do tomate produzido em Portugal, 3% da produção europeia e pouco mais de 1% do tomate transfor-



mado no Mundo. Como vê, mesmo que a nossa dimensão seja razoável em Portugal é reduzida a nível do mercado europeu e Mundial, não podemos esquecer que neste sector o nosso mercado é Mundial.

**APH – Com duas unidades em pleno coração do Ribatejo, onde se produz cerca de 80% do tomate de indústria, como é que a empresa garante o aprovisionamento de matéria-prima, e qual o peso que tem a produção própria ou de empresas do Grupo?**

Sugalidal – A legislação em vigor determina que toda a produção de matéria-prima tomate seja feita através de Organizações de Produtores. São efectivamente as OP's os nossos fornecedores de tomate com os quais e respectivos produtores procuramos um relacionamento sustentável. A produção oriunda de empresas do grupo é cerca de 10% dos volumes da Sugalidal. Os Produtores de tomate em Portugal são dos melhores entre os melhores do Mundo, tendo sabido desenvolver ao longo dos anos as melhores técnicas e práticas culturais. Esta interacção entre produção e indústria foi crucial para a reputação de qualidade conquistada pelos produtos de tomate portugueses.

**APH – Depois de um longo período de subsídios directos à produção, a Política Agrícola Comum foi alterada em 2007, ao introduzir o chamado desligamento das ajudas até ao montante de 50%, que começou a ser implementado na última campanha. Quais as consequências que se prevêem a curto e médio prazo da aplicação desta medida, contra a qual se bateu a AIT\*?**

Sugalidal – Defendemos um régimen de transição para o desligamento total, preocupados em sustentar a continuidade da produção de tomate e desta fileira de grande valor acrescentado para o País. A evolução de culturas alternativas ao tomate veio introduzir um dado novo nesta equação. Os mercados adaptaram-se a esta evolu-

ção primeiro de preços em alta, o ano passado, e agora em sentido inverso. O tomate é actualmente a cultura mais interessante para os produtores, aqui e praticamente em todo o mundo, levando à perspectiva actual de excedentes. Novamente os mercados reagiram à lei da oferta e procura.

**APH – Falava-se que muitos agricultores iriam desistir desta cultura, e como era previsível a indústria já teve que pagar mais à produção na última campanha. Até onde podem ir os aumentos para continuar a assegurar o fornecimento de matéria-prima, sem perda de competitividade?**

Sugalidal – Conforme atrás referi, estamos realmente num sector de mercado mundial. Serão os mercados a determinar os preços e consequentemente os preços possíveis a pagar à produção. Esperemos que se encontre o melhor equilíbrio possível a bem da sustentabilidade desta fileira em Portugal.

**APH – Portugal ocupa o 8.º lugar no ranking mundial com cerca de um milhão de toneladas de tomate produ-**

**zidas. Acha que poderemos manter esta posição no futuro, ou até mesmo crescer e qual o grande trunfo para continuarmos a ser competitivos?**

Sugalidal – Cerca de 95% do produto transformado destina-se a exportação. Para sermos competitivos temos que continuar a apostar na qualidade e na modernidade. A fileira tem que produzir com qualidade e a preços competitivos, procurando as economias de custo em todas as frentes.

**APH – A China continua a crescer e já é hoje o 1.º exportador mundial. Acha que esta concorrência representa algum perigo para a produção nacional, ou Portugal com uma qualidade superior tem vantagens comparativas nos mercados mais exigentes, sobretudo depois da degradação da imagem dos produtos alimentares chineses na sequência do escândalo da melanina no leite?**

Sugalidal – Na verdade a oferta da China sofreu um sério revés com os diferentes problemas de qualidade. Este mercado é extremamente exigente na



qualidade e na segurança alimentar. Acreditamos que a China encontrará os seus equilíbrios com o crescente consumo interno à medida que os seus consumos per-capita se aproximarem dos níveis médios ocidentais.

**APH – Quais são os principais países, para onde a Sugaldal exporta os seus produtos. Para além do acordo com a multinacional Heinz, existe alguma aposta na diversificação de mercados e produtos?**

Sugaldal – Vendemos para toda a Europa com uma maior incidência dos países do Norte, e para o Japão e Rússia.

**APH – Fala-se muito hoje no licopeno, uma substância que existe no tomate e que tem propriedades antioxidantes, anticancerígenas e antienvelhecimento. Existe algum projecto da empresa para entrar na produção deste componente, altamente valorizado nos mercados internacionais sobretudo no Japão?**

Sugaldal – É reconhecido o mérito do licopeno como anti-oxidante. Participamos através da AIT em projectos

europeus de grande envergadura que investigam as propriedades benéficas para a saúde do licopeno.

**APH – Para além do concentrado de tomate, a IDAL tinha também uma empresa para a multiplicação de sementes de novas variedades americanas que detinha mais de 80% do mercado. Este ramo também entrou no negócio de compra e em que situação se encontra actualmente?**

Sugaldal – É a CIFO nossa afiliada que detém a representação das sementes Heinz, com quem desenvolve programas de pesquisa e desenvolvimento anuais no sentido de se testarem e apurarem as melhores variedades de sementes. Pensamos que este tipo de investigação é crucial para que a fileira continue no pelotão da frente deste sector.

**APH – Como é que as duas fábricas da empresa estão equipadas tecnologicamente para aumentar a produtividade e responder às normas ambientais, e que outros investimentos estão em curso nesse sentido?**

Sugaldal – Temos diversas certificações desde ambiental à segurança e qualidade alimentar. Levamos muito a sério a questão ambiental e a sustentabilidade. Os nossos investimentos têm uma forte componente nesta área.

**APH – A colheita mecânica do tomate que está generalizada, tem vindo a concentrar a produção e a aumentar a qualidade de tomate entregue diariamente nas fábricas, reduzindo o período de laboração. Como é que a empresa respondeu a este desafio e que alterações se verificam na quantidade final do produto?**

Sugaldal – Investimos em equipamentos que permitiram acompanhar esta evolução. No entanto somos de opinião que a solução que melhor serve os interesses de ambas as partes, produtores e indústria, não é a redução do período de campanha, mas sim encontrar o melhor equilíbrio tempo/qualidade, através de práticas culturais e de factores genéticos, que permitam mais dias de campanha, com a devida maturação dos frutos, em condições ideais para a colheita, transporte e transformação.

**APH – Como é que se gere e rentabiliza uma indústria transformadora que trabalha apenas dois meses por ano na primeira transformação?**

Sugaldal – Com estruturas leves e altamente produtivas e eficientes.

**APH – Qual é actualmente o volume de negócios da Sugaldal?**

Sugaldal – O nosso orçamento para este ano é de 100 milhões de euros.

**APH – Qual é o número de trabalhadores permanentes e sazonais ao serviço da empresa, e quantos é que possuem formação superior?**

Sugaldal – Somos em média ano 240 pessoas, apostamos claramente na formação e no desenvolvimento pessoal dos nossos colaboradores.



Colheita mecânica do tomate



**APH – Há uns anos atrás falou-se muito de sementeira directa como uma nova ferramenta que iria contribuir para reduzir os custos de produção. Porque é que esta técnica cultural não tem progredido como era expectável?**

Sugalidal – Por razões climatéricas, mas também porque o valor das plantas não é de facto um custo determinante, e ainda pela garantia de ocupação máxima do terreno, que se consegue através de plantas transplantadas.

**APH – A produção atinge hoje com as novas técnicas e variedades, valores médios superiores a 100t por hectare, impensáveis há anos atrás. Todavia surgiram novos problemas em termos de doenças e infestantes. Quais são hoje os principais condicionalismos para aumentar a produtividade no campo?**

Sugalidal – Em termos agrícolas assistiu-se, na última década e meia, a uma profunda revolução no sector do tomate de indústria, nomeadamente ao nível da introdução de variedades melhor adaptadas às condições edafo-climáticas de Portugal, vulgarização do uso de novas técnicas produtivas (fita de rega, fertirrigação), avanços significativos em termos de mecanização da cultura (máquinas de colheita, alfaias multi-tarefa, alfaias com grande cobertura de área e grande eficácia) e, principalmente, ao nível da estruturação do sector. Na próxima década não trará revolução mas somente evolução. Evolução ao nível de variedades mais resistentes a pragas e doenças e melhor adaptadas às condições edafo-climáticas, ao nível da mecanização com uma contínua automatização de processos, e consequente menor recurso a mão-de-obra, ao nível de fertilizantes e pesticidas constante desenvolvimento de soluções mais ajustadas, em termos técnicos e económicos, à cultura do tomate. Evolução ao nível da estruturação do sector, nomeadamente em aumentos da dimensão média dos produtores. Com maior dimensão média dos produtores



e com as previsíveis evoluções atrás referidas, iremos aumentar ligeiramente a produtividade, mas iremos aumentar significativamente a rentabilidade da cultura, principalmente pela redução dos custos, fruto de ganhos de eficácia e de poupança em termos de mão-de-obra e de pesticidas.

**APH – Os produtores estão hoje associados em agrupamentos de produtores reconhecidos pela UE. Quais as vantagens para a indústria desta melhor organização da produção?**

Sugalidal - As OP's permitem a concentração da oferta, uma gestão logística mais eficiente das entregas de tomate em campanha, e um acesso mais fácil aos apoios da União Europeia disponíveis para os agricultores.

**APH – A preocupação em reduzir os resíduos de pesticidas e a utilização de substâncias com menor grau de toxicidade para o ambiente, também já chegou aos produtos hortícolas. As práticas da Produção/ Protecção Integrada são já hoje uma**

**realidade na produção de tomate de indústria, ou o seu avanço ainda é lento, e em que ponto a falta de produtos homologados pode prejudicar os produtores?**

Sugalidal - Na cultura do tomate de indústria, como na generalidade das culturas e produções, a garantia, dada ao consumidor final, de uma total confiança e segurança no produto que adquire, mais do que uma obrigação, é um imperativo, para estar no mercado cada vez mais competitivo e globalizado. No sector do tomate de indústria desde há longo tempo que se trabalha em função de cadernos de encargos dos clientes com maior nível de exigência do que a Produção/ Protecção Integrada. A nível nacional e, quando comparada com outras hortícolas, a cultura do tomate de indústria é das que tem melhor cobertura em termos de homologação de substâncias activas. O problema é a pouca quantidade de produtos comerciais dentro da mesma substância activa.

**APH – Cerca de um terço do tomate produzido em Portugal, sobretudo**



Amostra de concentrado de tomate na região de Elvas, onde não existe em funcionamento nenhuma unidade industrial é transformada pelas fábricas espanholas da Estremadura. Porque é que isto acontece. É apenas uma questão de custo de transporte, e que implicações tem esta situação na manutenção da nossa quota comunitária no futuro?

Sugalidal – Pela lógica dos custos de transporte e é um reconhecimento por parte dos industriais Espanhóis da qualidade do tomate produzido em terras Portuguesas por agricultores Lusos .

**APH – O aperfeiçoamento tecnológico e o lançamento de novos produtos exigem cada vez mais o recurso à investigação. Existe algum projecto para desenvolver parcerias com os centros de investigação que detêm algum conhecimento nesta área – ISA e Instituto de Biotecnologia/ UC Porto?**

Sugalidal – Está nos nossos planos desenvolver estas parcerias, não só a nível universitário, mas também desde os primeiros estádios de formação aca-

démica, a cujas escolas oferecemos as melhores condições para a realização de visitas de estudo, dedicando-lhes bastante atenção, por serem também uma importante fonte de opinião e sensibilidade aos nossos produtos.

**APH – Acho que seria importante que o sector da agro-indústria, em que o tomate e os congelados têm maior peso, concentrasse esforços para criar um Centro Tecnológico público/privado, localizado no Ribatejo para apoiar a produção e a transformação, a exemplo do que já existe em Espanha com algum sucesso?**

Sugalidal – Creio que seria de uma enorme importância, porque permitiria em conjunto com toda a fileira darmos mais um grande passo para consolidação do nome de Portugal junto dos mercados que premeiam a qualidade e a inovação.

**APH – Perante esta crise global em que estamos mergulhados, e quando é necessário preparar a nova campanha que está à porta (sobretudo nos viveiros), que previsões é que faz para o sector, no curto/médio prazo, como presidente da AIT\*, numa conjuntura em que os pressupostos macro-económicos parecem mudar todos os dias?**

Sugalidal – Uma correcção, o presidente da AIT é o Sr. Eng. Pedro Sousa Macedo. Prevalecerão os que apostarem na qualidade, competência e modernidade. Os tempos são difíceis e infe-

lizmente não são ainda visíveis os mecanismos de apoio ao financiamento e à exportação aplicados à nossa fileira, medidas tão anunciadas pelo Governo como importante apoio à economia real. Estamos a diligenciar junto da Administração para que estas medidas se apliquem ao sector e esperamos que este apoio se materializará em tempo útil para bem desta importante fileira

**APH – Há quem defenda que a crise se vence inovando e investindo, o que parece óbvio, mas não é fácil de concretizar nesta conjuntura, devido às dificuldades de financiamento. Todavia parece que uma estratégia de diversificação de produtos e mercados, poderá ser nestes tempos, a aposta mais segura. Nesta perspectiva quais são os projectos que a Sugalidal tem para o futuro, nomeadamente em relação à 2.ª transformação e em termos de crescimento?**

Sugalidal – Apostamos na competência, flexibilidade e versatilidade da nossa equipa e do nosso lay-out industrial, para sermos uma origem de produção de Produtos start-up para os nossos clientes, e naturalmente com a nossa marca Guloso ambicionamos vir a estar na vanguarda da inovação.

Obrigado Dr. João Ortigão Costa por nos ter concedido esta interessante entrevista, que vai permitir aos nossos leitores e associados conhecer uma empresa de sucesso, de capitais exclusivamente portugueses, que apostou no crescimento, na inovação e na conquista de novos mercados, num sector estratégico para o desenvolvimento da nossa agricultura e das nossas exportações - e que acima de tudo é uma lufada de ar fresco e um exemplo para acreditarmos mais, nas nossas potencialidades e romper com o fatalismo da dependência dos estrangeiros, para desenvolver grandes projectos empresariais no nosso país.

\* Associação da Indústria do Tomate